

Sobre o tema “Deslocamentos indígenas e negros no Brasil”

Desde 2020, o Museu da Imigração vem desenvolvendo uma série de projetos e ações que buscam reavaliar o papel do racismo na compreensão da história das migrações humanas. Essa nova abordagem conceitual veio sendo elaborada a partir do curso “A Hospedaria e os tijolos do racismo estrutural no Brasil”, realizado naquele mesmo ano, se desdobrando em ações importantes como a edição de 2021 do Programa de Residência Artística, com o tema “As migrações e os tijolos do racismo estrutural no Brasil” e a publicação do E-book “Afinal o que é o Brasileiro”, em 2022.

Se por um lado, esses projetos e ações têm contribuído para entender como o racismo distorceu a leitura histórica que se fez sobre o fenômeno das migrações humanas em nosso país, eles abriram novas perguntas a respeito da forma como os povos indígenas e negros tem experienciado os deslocamentos na história brasileira.

Compreendendo que o tema proposto envolve uma multiplicidade de experiências, diversas em si e possíveis de serem desdobradas a partir de diferentes olhares, o Programa de Residência Artística | 2023/ 2024 adotou como estratégia estabelecer diretrizes por meio de eixos de desenvolvimentos temáticos. São formas de conceituar o tema geral **“Deslocamentos indígenas e negros no Brasil”**, proposto nesta edição, que delimitam um campo de trabalho, devendo ser entendidos como guias iniciais para a abordagem do tema.

As propostas enviadas pelos candidatos devem seguir pelo menos 1 (um) dos eixos de desenvolvimento temáticos apresentados a seguir (podendo ser mais de um).. O eixo escolhido pelo candidato deve constar no documento de apresentação da Proposta preliminar (ver Edital).

Eixos de desenvolvimento temáticos

Eixo 1 Resistência e Transculturalidade

Este eixo propõe aos candidatos uma análise aprofundada dos desafios enfrentados pelas comunidades indígenas e negras no que diz respeito à preservação de suas identidades culturais em meio a processos de assimilação e influências externas. Encoraja-se a pesquisa sobre como

tais identidades étnicas se manifestam em aspectos cruciais como vestimenta, culinária, língua e tradições religiosas. Adicionalmente, busca-se compreender os impactos da migração sobre as tradições culturais dessas comunidades, analisando de que forma tais deslocamentos influenciam e transformam suas práticas culturais, crenças e identidades em novos contextos geográficos e sociais.

Eixo 2 África e diáspora brasileira

Nas últimas décadas os museus vêm se reelaborando, mundo afora, de maneira a questionar as bases de seus acervos, os conceitos que orientam as exposições, a comunicação social, o papel dos educativos, o público atendido etc. Essas mudanças acompanham não só as tendências e conflitos no campo da arte e cultura contemporâneas, mas também a emergência de novas questões sociais, ou mesmo velhas questões que agora passam a ter força política e que incidem no cotidiano dessas instituições, como os debates sobre identidades, gênero e raça. Assim sendo, os postulados de uma instituição elitista, potencialmente colonial e organizada em sua origem a partir de referenciais e símbolos escolhidos por uma elite e seus intelectuais orgânicos – sobretudo levando-se em conta uma sociedade de matriz colonial e essencialmente desigual como a brasileira – passam por um giro de completo, qualificando uma efetiva discussão sobre o papel social e político dos museus. Essas novas veredas representam uma disputa no campo simbólico pelos sentidos e significados da história, da arte e da cultura.

É neste contexto em que a arte afro-brasileira se insere. Entende-se por arte afro-brasileira a contribuição de mulheres e homens negros no fazer artístico no país, a partir de um amplo e preciso panorama da participação dos afrodescendentes na arte brasileira, da colônia aos dias atuais. Ao traduzir essa afirmação, o seu correspondente histórico diz respeito ao tema das relações raciais no Brasil, suas origens e metamorfoses, amplitude e facticidade. Assim, a arte afro-brasileira contemporânea é determinada em última instância pelo racismo estrutural e institucional, fenômenos indistinguíveis da história do país. Essa determinação diz sobre as circunstâncias e das ações e gestos nos variados contextos. Nesse sentido, ao analisarmos a função social da arte no Brasil, é possível avaliar o quanto os artistas dessa região, em vários períodos, por meio de sua arte, contribuíram para a melhor compreensão das características da sociedade, com proposições estéticas e analíticas, que muitas vezes foram superiores às contribuições das ciências sociais sobre a mesma matéria. Nesse sentido, a polissemia da forma deu margem à conteúdos negligenciados pelos intérpretes nacionais. A função social da arte aqui não foi somente a de elevar a espiritualidade dos seus, possibilitando a catarse do público

ou seu estranhamento. Também foi sua função produzir identidade, reconhecimento e vir a ser. Este é o papel que o módulo deslocamento indígenas e negros: contribuir não só para desvelar o racismo no Brasil, mas para apontar para possibilidades.

Pudera, em tendo menos de duas décadas de existência da lei que tornou obrigatório o Ensino da História da África, da cultura afro-brasileira e indígena, ainda se busca, enquanto povo brasileiro, outras referências sobre tal tema. Desta forma, uma exposição lastreada pelo conteúdo da marca afro brasileira na formação histórica e plástica do país, cumpre papel revelador, em termos de determinações sociais mais amplas, mas também educador, na medida que abre um campo de possibilidade não só ao visitante, mas ao país como um todo.

As experiências de deslocamentos, diásporas, imigrações e refúgios são marcadas por racializações e produção de desigualdades, desde as dimensões objetivas às subjetivas. Mas também são construídas por resiliências de diversas ordens. Narrar e rememorar estas experiências são desafios para quaisquer instituições que desejam se defrontar com a realidade que forma e conforma o mundo em que vivemos. No Brasil, negros e indígenas vivenciaram e vivenciam experiências de deslocamentos, na maior parte das vezes forçados, o que lhes impõem a reelaboração de suas memórias, tradições, cosmovisões e pertencimentos.

Assim, este eixo busca, em suma, viabilizar os mais elementares traços de uma arte enquanto linguagem: voltar às raízes e devolver ao povo em forma de arte. Sem estética não há ética, sem ética não há projeção possível. Por isso, este eixo de reflexão visa resgatar os elementos mais essenciais da arte como linguagem, conectando-se às raízes e devolvendo ao povo, por meio da expressão artística afro-brasileira, um espelho ético que possibilita a projeção de um futuro mais inclusivo e igualitário.

Eixo 3 Povos indígenas isolados na cidade: Quais os povos da Metrópole São Paulo

Os povos indígenas de uma das maiores cidades do mundo "são isolados e desconhecidos" por grande parte da população do Brasil. A própria metrópole, por sua enorme diversidade, distingue e destoa essa grande população do Brasil. Os indígenas vivem em inúmeras regiões e extremos periféricos da cidade de São Paulo e região metropolitana. Portanto, é possível aos mais atentos visualizar suas inúmeras manifestações sociais na grande cidade. Guarani Mbyá, Guarani Nhandeva, Xucuru, Xavante, Pankará, Pankararé, Fulni-ô, Tupinambá, entre outros povos, se avolumam na maior cidade do país e buscam reconhecimento étnico. No entanto, a Metrópole de São Paulo, como cidade grande, não reconhece em seu papel histórico não só a

sua grande diversidade indígena em centros urbanos, mas os exclui da história das grandes cidades. Neste sentido, o eixo propõe aos artistas uma inserção ao universo ameríndio das grandes cidades, uma alusão ao modo ameríndio de viver dos povos isolados das cidades. Afinal, o que é ser isolado? Esse isolamento afeta o modo de vida dos indígenas de quais maneiras e de que forma podemos (re) conhecer esses indígenas?

Os povos indígenas são parte de um processo intenso de migrações, muitas delas se deram de forma dolorida para muitos grupos étnicos. A história das migrações indígenas é um ponto de partida para conhecer as inúmeras etnias do Brasil, que, segundo os últimos dados do IBGE, ultrapassam 1.6 milhões de indígenas em todo o Brasil. Destes números, São Paulo ocupa a 10ª posição, com 20.000 indígenas vivendo em contexto de cidades. Portanto, é importante compreender o universo do deslocamento, das inúmeras migrações e parte do processo histórico que se deu com inúmeros casos do racismo brasileiro. É importante afirmar que o racismo contra os povos indígenas é um termo conceitual pouco utilizado, mas importante para conhecer a história atual e contemporânea quando se discute a presença indígena no Brasil.

Eixo 4 Pontas de Rama

A imagem do retirante, esta modalidade histórica e largamente romanceada do deslocamento populacional no Brasil, está marcada por algumas (in)variáveis: a região de origem, o Nordeste; a solidão do indivíduo ou da família que migra; o movimento definitivo de abandono de um modo de vida, de redes de relações e de um pedaço de chão; a busca por trabalho braçal no desconhecido mundo das metrópoles do Sudeste. Esta imagem, apesar de não ser falsa, é homogênea demais, assim como distorcida por categorias de descrição elitistas e racistas. Ao abandonar imagem genérica do nordestino sem cor, sem projeto e sem agência, para olhar de perto a pluralidade da condição migrante, negra e indígena, a imagem gira de ponta a cabeça. Descobrimos que a migração não é um movimento de mão única, mas a construção de uma pluralidade de lugares de vida. Que ela não implica o abandono de um mundo, mas a expansão dele. Descobrimos que a migração não é apenas fuga, mas projeto. Que ela não é solitária, e mesmo quando realizada individualmente, é colaborativa. Uma nova imagem vai se esboçando, de vínculos vivos entre núcleos comunitários sertanejos e bairros populares metropolitanos, ligados entre si como os troncos e as ramas de grandes árvores. Aldeias indígenas em Pernambuco, que alimentam e são alimentadas pelo fluxo de pessoas e objetos de bairros do Morumbi, da Zona Leste e até de Mogi-Mirim. Comunidades quilombolas na Bahia que criam extensões na periferia de São Paulo e de Brasília, comunidades quilombolas do Vale do Ribeira

espelhadas em ruas de Sorocaba. Descobrimos que a migração pode ser apenas a heteronomação para o movimento da seiva humana e não humana que circula entre troncos velhos, bem assentados no sertão, e pontas de rama, que se expandem de forma flexível e rizomática pela metrópole. Um movimento que, do ponto de vista do migrante, coloca a metrópole a serviço do projeto sertanejo e não o contrário.